

## AUTORRETRATO E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO A PARTIR DAS CORES NA PINTURA

### SELF-PORTRAIT AND THE CONSTRUCTION OF IDENTIFICATION THROUGH COLOR IN PAINTING

Jéssica Bonora<sup>1</sup>

Bacharel em Artes Visuais na Universidade Federal de Rio Grande  
Associado/a/e ANPAP: Não

:

**Resumo:** O autorretrato é uma construção íntima entre o autor e sua própria imagem. Este ensaio registra as etapas do meu processo de pintura autorreferente, iniciando pelas primeiras experimentações com o realismo e explorando o autoconhecimento mediado pela escolha da paleta de cores.

**Palavras-chave:** Autorretrato. Pintura. Experimentação. Cores.

**Abstract:** *The self-portrait is an intimate construction between the artist and their own image. This essay documents the stages of my self-portrait painting process, beginning with my first experiments with realism and exploring self-knowledge through the use of color palettes.*

**Keywords:** Self-portrait. Painting. Experiments. Colors.

### Texto de Apresentação do ENSAIO VISUAL (ou sub-título)

---

<sup>1</sup> Jéssica Bonora é bacharel em artes visuais pela Universidade Federal do Rio Grande. Em sua defesa de trabalho de conclusão de curso contou com a presença da artista internacional Panmela Castro, com seu trabalho dialogando com o autorretrato no campo afetivo da pintura. Este trabalho foi orientado pela professora doutora Janice Martins Appel.

No início eu queria saber pintar bem, talvez para saber me ver, talvez para me fazer ver. Olhava no espelho e tentava capturar o que estava ali — o rosto, a sombra, a dobra leve da pele acima da sobrancelha. Um esforço quase mecânico, como se o real tivesse alguma resposta escondida, e bastasse alcançá-lo. Mas quanto mais eu insistia em capturar a realidade, mais ela escorregava. O rosto que surgia na tela era exato, mas vazio. Um corpo sem pulso. O autorretrato, naquela forma, parecia um disfarce, e não uma revelação.

Houve então um momento em que comecei a me perder dentro do que pintava, e, estranhamente, foi ali que me encontrei. O real — com suas medidas, pesos e brilhos — me encarava sem dizer nada. Já eu, confusa, tentava fazer perguntas com o pincel. E foi na recusa de responder do realismo que me percebi querendo mais: não o rosto que todos veem, mas o que eu sinto enquanto o carrego. As cores, antes submissas à lógica da luz, começaram a se infiltrar como presságios. Manchavam, desviavam, rasgavam a superfície. E eu deixei. Abri espaço para que algo escapasse, ainda que impreciso.

Nos tons primários pigmento encontrei alguma paz, não pela simplicidade, mas pela força crua com que se impõem. Azul, magenta, amarelo — não precisava que elas se tornassem segundas ou terceiras. Eu sou uma pintora, não escultora, então tive de me permitir pincelar e não moldar a realidade. E eu quero isso. Que meu autorretrato não pareça comigo, mas que seja.

Este ensaio trespassa minhas etapas de experimentação, incômodo, conforto e desconforto para trabalhar o ser pintora.



Imagem 1. Jéssica Bonora, Autorretrato, PVA sobre papel cansón 200g/m<sup>2</sup>, 29,7 x 42 cm, Rio Grande, 2023.

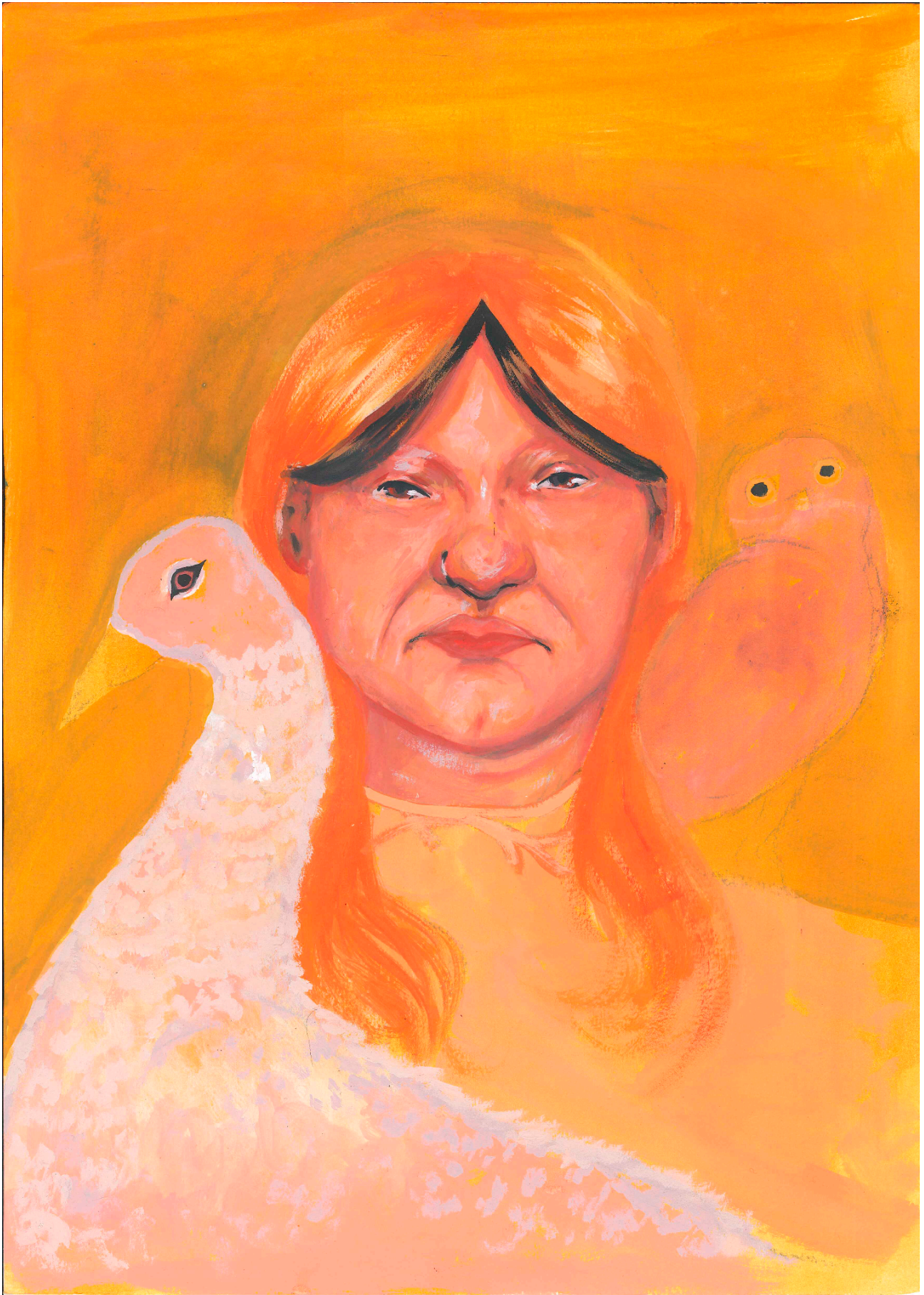


Imagem 2: Jéssica Bonora, Protótipo Autorretrato com pássaros, PVA sobre papel canson 200g/m<sup>2</sup>, 29,7 x 42 cm, Rio Grande, 2024.

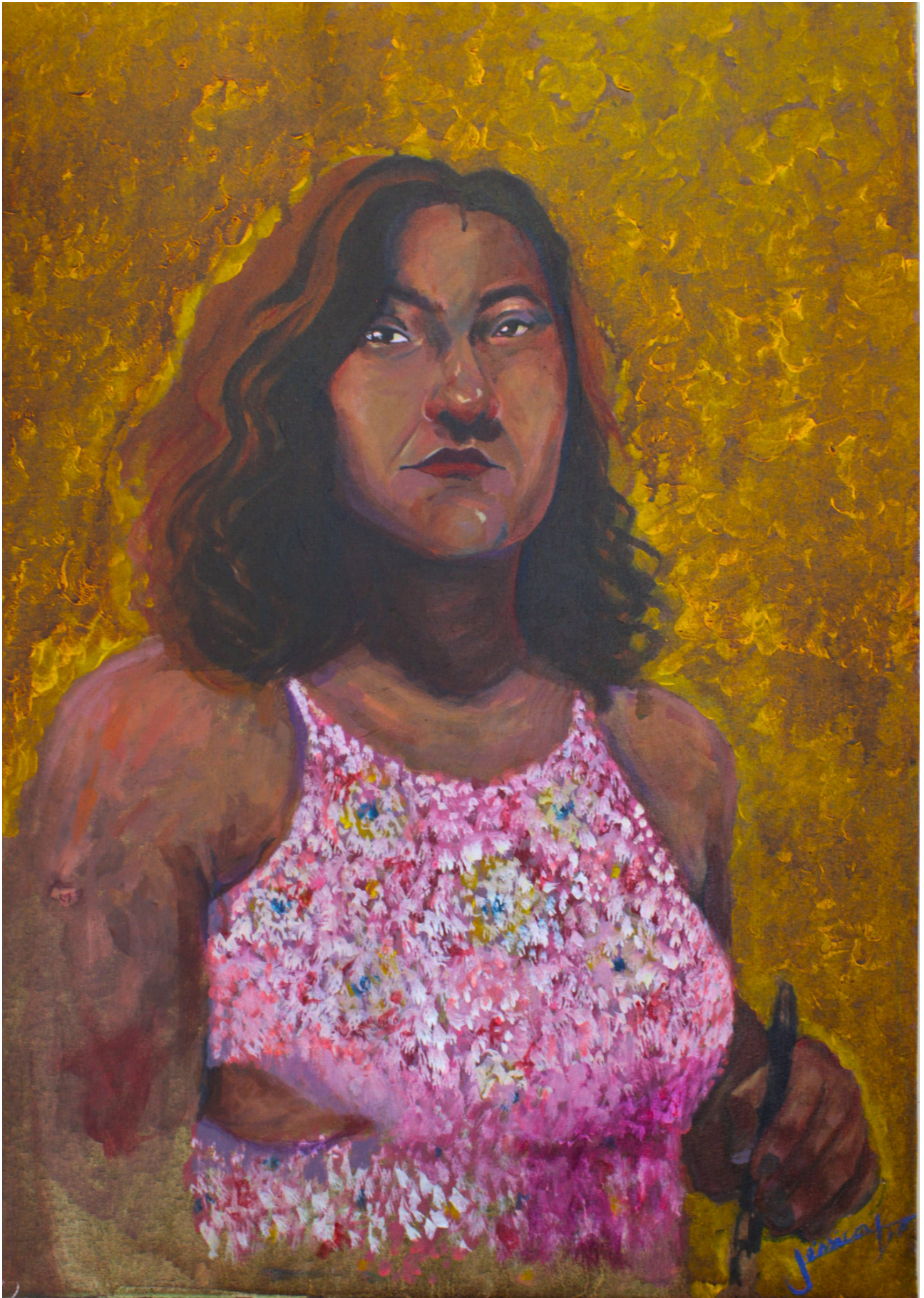


Imagem 3: Jéssica Bonora, Autorretrato Escorrendo, acrílica em tela, 50x70cm, Rio Grande, 2024.



Imagem 4: Jéssica Bonora, Autorretrato com pássaros, acrílica em tela, 50x70cm, Rio Grande, 2024.

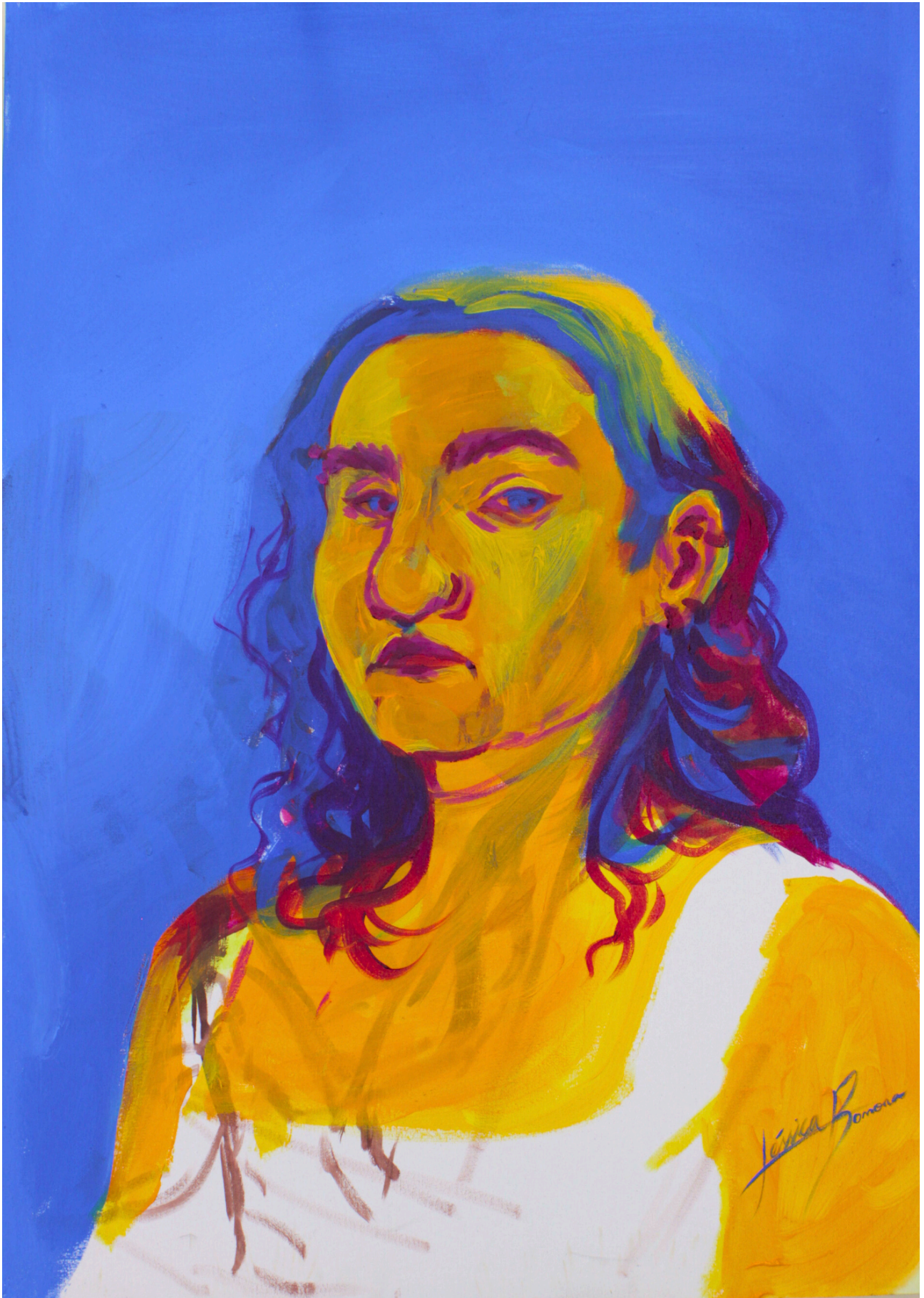


Imagem 5: Jéssica Bonora, Autorretrato, em fim, acrílica em tela, 50x70cm, Rio Grande, 2024.

## **Referências**

CAGE, John. A cor na arte. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.